



CONVITE

CELEBRAR A PÁSCOA E COMEMORAR O “DIA DAS MÃES”

Padre Sidney José Barone convida a Família Ibateana para um encontro em sua paróquia para comemorar a Páscoa e celebrar o “Dia das Mães”.

Padre Barone estudou no Ibaté em 1959. É primo em “dose dupla” (por parte de pai e de mãe...) do colega Clóvis Baroni (1953-1958). Em Dezembro de 2013 completou 35 anos de sacerdócio. Está à frente dessa paróquia há 31 anos.

ANOTE NA SUA AGENDA:

Dia e hora: 10 de maio de 2014, às 17 hs.

Local: Igreja Divino Salvador

Endereço: Rua Casa do Ator, 450 (Vila Olímpia), altura do nº 2.000 da Av. Santo Amaro.

Tel. (11) 3841.9504

Obs.: Estacionamento no pátio da igreja



Pe. Barone

Visita ao Corazza no Bairro Solemar, Praia Grande



Roberto Delgado*



Gislene, Rose, Corazza, Delgado, Lui

No dia 02 de março, Rose e Lui, Delgado e Gislene, tivemos o prazer de visitar o Corazza e fazer com ele uma refeição muito agradável. Foi no Domingo de Carnaval, em Solemar, a uns 15 quilômetros do centro da Praia Grande pela Avenida Kennedy.

Rose providenciou hospedagem no belo apartamento de uma cunhada, com direito à vista de toda a extensão da Praia Grande. Foram dois dias muito agradáveis. Passeios pela praia, sorvetes, peixes deliciosos e, é preciso confessar, uma cerveja amiga, com toda a sobriedade (possível...).

Mas, o ponto alto, e a razão de todo esse movimento, foi a visita que fizemos à casa da Silvana e do Adalberto, filha e genro do DARCY CORAZZA, com os quais

ele está morando agora. Acolhida amiga, assuntos sociais de grande importância. Adalberto é médico, funcionário do município e trabalha no Programa da Saúde da Família.

Conhecemos as netinhas do Corazza, com as quais a amizade foi fácil e espontânea. Claro que se divertiam com os 'tablets' o tempo todo.

Então, seguiu-se a foto histórica e, ninguém é de ferro, fomos com ele ao Mascote saborear o abadejo, com legumes na manteiga e batata frita, escolha acertada do Corazza. Ah! E umas lascas de lula à milanesa para o aperitivo.

Atenção! Se alguém for a esse restaurante, o Mascote, muito próximo à casa da Silvana e do Adalberto peça um prato só, que serviu muito bem aos cinco. Daí pra frente é com vocês...

Claro que os assuntos foram um “revival”. Mas nós não esgotamos os assuntos! Esperamos que muitos outros colegas ibateanos possam fazer também uma visita ao amigo Corazza.

A descida da serra, no sábado à tarde, e a subida na segunda de Carnaval, foram surpreendentemente tranquilas.

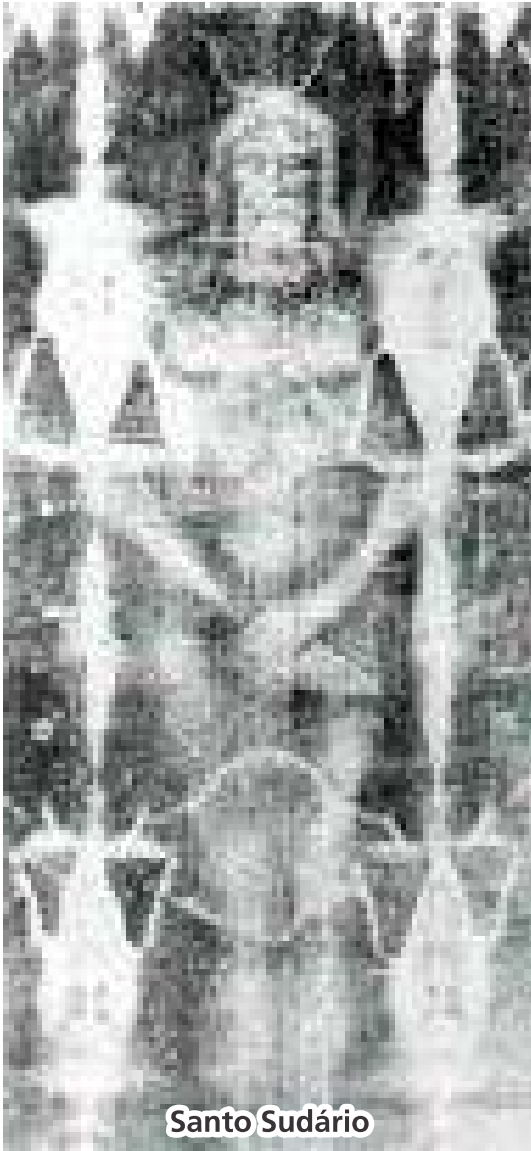
Nós quatro desejamos a todos uma boa preparação para a Páscoa!

(*) Roberto Delgado de Carvalho, 71 (57/59) é corretor de seguros. Exerceu o sacerdócio por 10 anos. delcarv@uol.com.br

O DNA DE JESUS CRISTO



Paulo Oliveira Leite Gonçalves*



Santo Sudário

Em meados do segundo semestre de 2013 a noite seguia seu destino. Os ponteiros, juntos, apontavam o infinito. De controle na mão, repassava os vários canais de TV, buscando encontrar algum programa bom. Paro, dou trégua ao polegar: um documentário sobre a coroa de Jesus Cristo, já sem nenhum espinho, custodiada na Catedral de Notre Dame de Paris, exposta, por vezes, à veneração dos fieis sob rígido controle. Tratava também o referido documentário sobre os três tecidos de pano que entraram em contato com o corpo de Jesus, durante sua caminhada ao patíbulo, bem como, sobre os dois outros usados no preparo ao sepultamento.

O primeiro, é o pano que, segundo a tradição, a Verônica enxugou o rosto de Jesus, marcado por extremo cansaço, escarros e sangue vindo dos espinhos sobre sua cabeça. Na sequência do ato, a imagem do rosto ficou impressa naquele pano que hoje é venerado em uma das

igrejas da Europa. A segunda peça é um tecido que a tradição judaica usava colocar sobre o rosto do falecido, antes de o envolver num grande lençol. A terceira peça seria a própria síndone que envolveu o corpo de Jesus, deixando, ambas impressas a imagem do rosto de Jesus e quanto ao lençol, ficou gravada a imagem do corpo tanto da frente quanto das costas.

Estas últimas também são guardadas e veneradas separadamente, expostas à veneração de todos aqueles que trazem no coração o amor pela pessoa e pelo ensino de Jesus.

Estamos tratando, além das peças, da fé que leva tantos a visitá-las.

Recentemente a história registra a importância da História Oral, quando, até mesmo onde não há qualquer registro escrito, leva o historiador a procurar pelos dados transmitidos de viva voz, e, com frequência, são encontrados elementos de valor expressivo para a história.

Ao cientista pouco importa o item fé. O que mais lhe interessa é saber o resultado que os recursos tecnológicos podem falar por si mesmos. Pois bem, com este objetivo recolheram-se amostras dos referidos tecidos contendo também o sangue original como resíduo deixado sobre as peças. Foi escolhido um laboratório do Estado de Israel. Eis o resultado: 1. os três tecidos são de fibras da flora existente na Palestina aos tempos de Jesus; 2. as três peças continham o mesmo tipo sanguíneo, ou seja: AB Rh Negativo; 3. quanto a este item o documentário focaliza o Chefe do laboratório com um laudo na mão. O repórter se postava ao lado da câmera, quando o referido Chefe levanta a cabeça, tendo no rosto uma expressão de estranha surpresa e sem encontrar explicação, quando disse a respeito do DNA do sangue examinado: não contém o DNA do pai.

Se para a ciência foi uma surpresa, para os que temos fé e conhecimento das Sagradas Escrituras, é motivo de um sorriso de intensa alegria.

Com efeito, logo surge na lembrança o texto de Isaías 7, 14: “Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho que se chamará Emanuel, o que quer dizer Deus conosco”.

Cinco séculos depois da profecia, vamos encontrar em Lucas 1,26-35 a realização da aludida profecia: “No sexto mês o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia de nome Nazaré a uma virgem desposada com um homem, chamado José, da família de Davi; e o nome da virgem era Maria. O anjo lhe diz: Ave Maria, tu és repleta da graça do Senhor. Eis que conceberás e darás à luz um filho e lhe darás o nome de Jesus. Ele reinará na casa de Davi e seu reino não terá fim. E Maria pergunta: como isto se dará, pois não conheço homem? Não te assustes Maria porque o Espírito de Deus te cobrirá com sua sombra”.

Penso que qualquer comentário para nós seria tão pequeno diante da grandeza dos textos sagrados.

Melhor não fazê-lo.

Por enquanto.

(*) Paulo Oliveira Leite Gonçalves, 76 (49/54) é licenciado em Filosofia e Teologia, é Bacharel em Direito, Doutor em História Antiga (USP), Tradutor Público no Estado de Goiás, de Francês e Italiano, sendo Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás. oliveiratradutor@gmail.com

EU, EMÉRITO... POR QUE?



Pe. Otto Dana*

No dia 04 de setembro de 2013 acordei **emérito**. Me perguntava que diabo seria isso ... emérito?! O que me fez diferente de um dia para o outro? Testei minha performance física: dobrei as pernas...igual ontem. Estiquei os braços...tudo funcionando. Girei o pescoço...meio travado como antes. Apalpei a barriga...nenhuma dor. Com todo o pudor, conferi as intimidades. Aí, sim, desastre total. Mas, isso já há de muito tempo. Um penduricalho inútil, feio, antiestético. Não serve nem para fazer justiça com as próprias mãos.

Levantei, fiz os alongamentos e aquecimentos habituais para ir à academia. Tudo em perfeitas condições. Nem uma dorzinha a mais: esteira, bicicleta, extensora, flexora, abdominal, supino, barras, glúteo...Concluí: nada me fez diferente, a não ser um título. Que não é um título de honra. Diria que mais parece um atestado de óbito pré-datado.

Pra quem passou 46 anos da vida entregando as 24 horas de cada dia a cuidar das coisas das cinco paróquias que me foram confiadas pela Diocese - Analândia -Corumbataí, Santa Terezinha, Catedral (35 anos) e Sant'Ana, de repente a eméritude me lançou no limbo. A cada dia acordar me perguntando: e hoje, o que vou fazer? Quando eu perguntei ao Bispo: e agora, o que vou fazer com toda a experiência acumulada e com toda a saúde e disposição para trabalhar que ainda tenho? A resposta curta e grossa: Você vai ficar de "coringa". Se algum padre precisar de você e o convidar para celebrar, você vai. Depois de 46 anos de dedicação à diocese, você vira "coringa". E querem mais? Nem um cartãozinho, nem um "obrigado" por parte da diocese. Simplesmente, "a partir de hoje, você é um "coringa".

Como faz a sociedade leiga, a Igreja invoca a idade como determinante e não como referencial. Bateu 75 anos, você é um imprestável, um inútil, você está fora. A única preocupação sua, a partir de agora, é comprar um lotezinho no cemitério, um caixão e esperar.

Ora, a velhice é um processo para além da dimensão biológica ou cronológica, ou seja, um processo sócio-histórico e subjetivo. Eu não pedi a aposentadoria (ou eméritude). Me foi imposta. Ainda me sinto em perfeitas condições físicas e psicológicas de continuar à frente de uma igreja com responsabilidade e não apenas como tapa-buraco, "coringa".

Admira-me uma Diocese carente de padres, dar-se ao luxo de desperdiçar talentos e forças vivas, invocando o pretexto de aplicação do Direito Canônico que, aliás, não é tão determinante para os padres como o é para os bispos.

A Igreja, por seu formato institucional e por seu modo particular de lidar com as questões contemporâneas, está carente de estudos sobre a eméritude. Haja visto, por exemplo, a falta de literatura mais exigente sobre ao assunto. Em muitos casos ela age mais como empresa do que como instituição religiosa. E como empresa, deixa de agir com o coração e até com a razão.

Por favor, não me cumprimentem por esse título de "emérito". Só quando estiver em agonia, pois, para mim **"EMÉRITO"** é só trocar as vogais: **É - MORTO!!**

(*) Pe. Otto Dana, 74 (54/58) Pároco da Igreja Sant' Ana em Rio Claro-SP - otto.dana@gmail.com

CASO EDIFICANTE



José Lui*

Curiosidades....

Avelhinha pergunta para o marido moribundo:

- Meu bem, depois de 40 anos de casados me satisfaça uma curiosidade. Você já me traiu alguma vez?

- Sim, querida! Uma única vez. Lembra-se quando eu trabalhava na Nestlé e, tinha uma secretária chamada Margarida?

- Sim me lembro.

- Pois bem, aquele corpo já foi todinho meu!

E após alguns segundos, êle pergunta:

- E você minha velha, já me traiu alguma vez?

- Sim, meu bem. Uma única vez! Lembra-se quando a gente morava na Vila Andrade, em frente o Corpo de Bombeiros?

- Sim me lembro, respondeu o moribundo

- Pois é...aquele corpo já foi todinho meu.

(*) José Lui, 76 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

PALAVRAS DE AMIGO (E DE MESTRE)

Letterio Santoro*



Getulino, Moreira, Letterio e Paulo Acácio.
Eternos amigos

Meu amigo **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA**, mineiro de BH, no comecinho de fevereiro de 2014, pelo facebook, postou um comentário ao meu artigo Recordações da Casa Antiga, publicado na primeira semana de fevereiro tanto na internet, quanto no jornal Comarca de Garça. Em suas palavras, porém, ele resumiu leituras de matérias publicadas no final do ano passado, além da série de crônicas comemorativas dos vinte e cinco anos de nossa mudança para Garça, onde tratei da vida familiar, da vida política, da vida literária, e da vida religiosa.

Para quem ainda o não conhece apresento o meu amigo **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA**: professor universitário aposentado da UFMG onde exerceu, entre outros, o cargo de sociólogo do Centro de Estudos Mineiros e posteriormente pelo Conselho de Extensão. Publicou diversos livros como: *Cidade: Momentos e Processos (Serra e Diamantina na formação do Norte Mineiro no século XIX)*, e o mais recente *A Sombra do Andarilho (O folclore e suas charadas)*, dos quais me presenteou com um exemplar respectivamente em 1995 e em 2013. Mas dispõe ainda de obras não publicadas, por ex., *Comunicação e Mudança: a decadência do lazer tradicional*, onde defende a tese da “mulatização artística” de Curt Lange que assustou a academia.

Sabedor de minha simpatia e admiração pela poetisa mineira Henriqueta Lisboa, meu amigo **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA**, presenteou-me em 2001 com um preciosíssimo exemplar de *Henriqueta Lisboa (Poesia Traduzida)*, da Editora UFMG, editado por ocasião dos 100 anos de Henriqueta Lisboa com quem ele conviveu na Universidade. Foi-me assim dada a oportunidade de conhecer um aspecto surpreendente do trabalho profícuo da escritora mineira. Apaixonado por folclore, participa também da Comissão Mineira de Folclore, de cujos informativos alimenta a alguns amigos.

Pois bem, **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** é meu particular amigo, talvez o amigo mais antigo que Deus pôs em minha vida, desde os idos de nossa infância no Seminário Menor de Aparecida do Norte (1953-1954), depois durante a adolescência nos silêncios verdes do

Seminário do Ibaté em São Roque (1955-1959) e ainda juntos na juventude, nos tempos de Filosofia, de novo no Casarão de Aparecida (1960-1962). Tomamos rumos diversos, ele por Minas Gerais com carreira universitária, e eu estudando e trabalhando por São Paulo, até nos revermos com alegria novamente no I Encontro dos alunos do Ibaté em 1993.

O **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** é o irmão que Deus me deu, irmão da mesma idade, irmão mais ousado na inteligência, com quem tenho o prazer de me comunicar, nos últimos anos, pela internet. Sempre admirei esse amigo desde os tempos de infância em Aparecida, quando participávamos do Círculo Literário Jesus Menino, onde se destacava ele na tribuna com histórias lá das Minas Gerais. Meu amigo sempre cultivou o dom da palavra que Deus lhe deu. Cultivou esse dom também nas sessões e nos Concursos das Cadeiras do Grêmio Literário Pio XII, nas colaborações do jornalzinho Ecos da Tribuna, nas apresentações de Teatro nos anos do Ibaté. Comungávamos juntos a paixão pelas Belas Letras. Mas ele lia muito mais do que eu, especialmente os livros de aventuras de Karl May, enquanto eu ficava nos exercícios poéticos e nos registros do Diário.

Mas o bom Deus concedeu ao meu amigo **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** uma inteligência que sempre via mais longe do que eu via. Ele consegue realizar nas suas leituras de livros e das circunstâncias do mundo (na Política, na Economia, na Cultura) o sentido original e mais profundo do “*intelligere vera*”, que é ler dentro (intusleggere) das coisas, dos textos, das circunstâncias - a verdade. Neste sentido, ele é o meu oposto: eu sou um homem ingênuo, enquanto meu amigo e irmão é um homem crítico. Eu me considero um observador curioso da realidade de que participo, ele é o lince cujos olhos abrangem toda a realidade. Ele enxerga mais longe. Ele é também uma águia.

Ao analisar com esses olhos de lince e de águia as minhas crônicas semanais dos últimos tempos, o professor e mestre **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** vai além do que eu próprio escrevo. Segundo ele, teço “comentários sobre acontecimentos importantes: saúde e atendimento às famílias nas creches.” Aliás, na opinião do companheiro, “a questão da audiência pública (onde foi discutido o horário da creche em Garça) que você coloca deve ser parte de uma cartilha para os movimentos sociais.” Excelso amigo, uma crônica minha ajudando as discussões de grupos de movimentos sociais?! Que glória!

Tanto enxerga mais longe o **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** que a constatação de “casa vazia” na Câmara Municipal de Garça ao longo dos últimos vinte e cinco anos, para mim é apenas uma constatação, para ele é “sintoma de alguma coisa”. Mas a frase que mais me impressionou no comentário do amigo e que fiz questão de sublinhar na cópia manuscrita de sua mensagem, para guardar como lembrança em meu Diário, foi a seguinte: “**Ler seus artigos dá um enorme otimismo: há que sonhar com um mundo melhor.**” Poderia eu receber de algum leitor um retorno melhor do que este? Em geral não há eco de meus

escritos nos leitores, se é que alguém me lê! Gostei tanto da frase do amigo que pretendo colocá-la como epígrafe do futuro livro *Crônica do Cidadão* (2014).

Em continuação, meu amigo **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** resolveu, como bom sociólogo, ir fundo na questão da política tratada por mim numa das quatro crônicas sobre meus 25 anos em Garça. Foi buscar nos tempos de seminário, principalmente na juventude dos anos de Aparecida, a nossa iniciação política, com as visitas de Franco Montoro, Dom Jorge Marcos, Herbert Levy, Roberto Cardoso Alves, Frei Josafá em visita ao seminário. Que memória tem esse amigo! Lembrou ainda do lançamento do jornal “Brasil Urgente”, que circulou de 1962 a 1964, quando foi fechado pelo “golpe de 1º de abril de 1964.”

Para mim e para o **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** o Partido dos Trabalhadores (PT) foi criado nos anos 80, mas para ele (veja o leitor o olho de lince e de águia de meu amigo) o PT foi gestado nos anos 60, quando Dom Jorge, bispo de Santo André, apoiou a luta operária... de que é exemplo a greve da Aymoré. É o pesquisador sério que vai à raiz das questões sociais. E buscou lá no fundo do baú,

inspirado por minhas crônicas, a figura curiosa do Pe. Moschini que em palestra, nos idos de 1960 a 1962, ao comemorar o aniversário da fundamental encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, falou para nós, então jovens estudantes de Filosofia, sobre a situação da classe operária inglesa, quando defendeu que “a doutrina social da Igreja condena o socialismo no adjetivo e o capitalismo no substantivo”. Quem puder compreender, compreenda.

E, por último, segundo o meu amigo **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA**, “esse foi nosso primeiro estágio na compreensão da ação política e das contradições entre doutrina e ação”. E suas palavras de comentário me recordaram contatos mantidos por mim nas férias da Filosofia com trabalhadores da Juventude Operária Católica na Capital. Admirável amigo, com suas palavras ele acabou por realizar o que eu insistentemente pedia na crônica *Recordações da Casa Antiga*: que falássemos da formação por nós recebida nos anos de seminário. E com que gabarito o fez! Sinto-me honrado de ter recebido um comentário dele.

(*) Letterio Santoro, 74 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça), autor, entre outros, do livro de poemas *AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI e MOMENTOS* (poemas da infância e de adolescência). letterios@hotmail.com

POR ONDE ANDAMOS...

Em nosso quadro de ex-alunos do Ibaté existe uma pluralidade imensa de profissões. Existem médicos, advogados, dentistas, professores, comerciantes, industriais, enfermeiros, economistas, contadores, jornalistas, escritores, etc.

Depois de aposentados, todavia, vários colegas têm-se dedicado a outras atividades que nada tem a haver com suas formações universitárias.

Temos pastores evangélicos, ministros da eucaristia, pessoas que fazem parte de comunidades de ajuda à juventude e à viciados em drogas, etc.

Falaremos hoje de uma atividade em que o Ibaté é representado por vários colegas: ARTES PLÁSTICAS. Podemos destacar: JOSÉ JUSTO DA SILVA (51/57), ASDRUBAL ANGELO BARUFFALDI (49/53), HENRI VITOR SANTOS (51/52), ÁLVARO BERNARDO DE MEDEIROS (61/62), APARECIDO SOARES FILHO-CHIDON (1968) e OTTO CARLOS HOPF (57/58).

Nesta edição estaremos dando destaque às obras do colega ÁLVARO BERNARDO DE MEDEIROS, arquiteto por formação, hoje com 65 anos de idade e que no “dolce farniente” da aposentadoria, se dedica a produção de obras de arte, com pinturas a óleo, bico de pena e aquarela.

Mostramos, assim, alguns quadros da série POR ONDE ANDAMOS, todos em aquarela, e que são inspirados em detalhes de pisos de Igrejas e Museus de São Paulo, que muitas vezes estão sob nossos pés, porém, não notamos sua beleza. ÁLVARO mora em São Paulo e seu email para contato é all-medeiros@hotmail.com



ÁLVARO MEDEIROS



Piso Igreja Santa Efigênia



Piso Escadaria
Parque da Água Branca



Piso Igreja
Santo Antonio do Limão



Piso Museu Banco do Brasil



Piso Mosteiro de São Bento



Attilio Brunacci*

PARECE QUE FOI ONTEM



Naquele tempo, disse Jesus pelos lábios do Pe. Constantino a onze seminaristas postados frente ao altar da capela do seminário: “Despojai-vos de todos os sinais exteriores profanos e revesti-vos da veste talar que vos transformará em indivíduos sagrados”.

Não eram essas as palavras; tentei fazer uma paráfrase. Eu as inventei agora apenas para recordar um ato litúrgico que aconteceu no dia 15 de dezembro de 1957 na nossa antiga capela. Tratava-se da



cerimônia de vestição de batina que, a cada ano, era celebrada no Seminário do Ibaté. Era uma espécie de ritual de passagem que marcava o término dos estudos colegiais do Seminário Menor e o ingresso no Seminário Central do Ipiranga para iniciar os cursos de filosofia e de teologia. Nessa fase da carreira eclesiástica, o uso da batina era conditio sine qua non para se chegar à ordenação sacerdotal.

quase ex-alunos do Ibaté que se sentiam motivados e em condições de fazer os cursos superiores? Em ordem alfabética: Claudio Giordano, Durval de Almeida, Heládio Bispo do Prado, João Batista da Silva, João Ripoli, José Maria Pinheiro, Nasser Kehdy Netto, Norival Carloni, Olaercio Piccolo e Sérgio José Schirato.

Naquele distante 15 de dezembro, todos eles perfilados, ao som do harmônio mais ou menos fanhoso, entravam na capela apinhada de gente: familiares, amigos e colegas de seminário.

Os “formandos” estavam de terno azul-marinho - a veste leiga a ser usada pela última vez - com a gola levantada para encobrir a camisa branca de mangas compridas e já sem o colarinho. A ausência do colarinho era para facilitar o uso da veste talar fechada até o gorgomilo. Cada um trazia consigo nos braços a própria batina dobrada. Ela ia ser abençoada e, em seguida, vestida ad aeternum.

Diante do altar, formavam um semicírculo em volta do reitor devidamente paramentado para a cerimônia que estava presidindo. Após uma breve alocução, aspergia água benta sobre a batina para torná-la uma veste sagrada; em seguida, o grupo voltava para a sacristia, vestia a batina e retornava ao altar para a santa missa.

A pompa e as circunstâncias da cerimônia

cerimônia de vestição de batina que, a cada ano, era celebrada no Seminário do Ibaté. Era uma espécie de ritual de passagem que marcava o término dos estudos colegiais do Seminário Menor e o ingresso no Seminário Central do Ipiranga para iniciar os cursos de filosofia e de teologia. Nessa fase da carreira eclesiástica, o uso da batina era conditio sine qua non para se chegar à ordenação sacerdotal.

Naqueles velhos tempos, usar batina era uma honra, uma distinção social. De uma vez para sempre, os “embatinados” jamais deveriam se apresentar em público - ou até mesmo em família - sem essa indumentária clerical, a exemplo de todos os demais membros do clero. “Uma vez embatinado, sempre embatinado”.

A propósito, isso me fez lembrar uma piada. Um respeitável padre diretor espiritual estava falando aos seus seminaristas sobre a importância e o significado da sagrada batina. Num dado momento, falou arrebatado:

-Eu preferiria mil vezes ver uma mulher nua do que um seminarista sem batina!

-Nós também, nós também! - exclamaram em uníssono os seminaristas empolgados.

Voltemos àquela celebração litúrgica. Quem eram esses onze já



CLÁUDIO GIORDANO



MONS DURVAL



Pe. João Ripoli

provocavam - com justiça - juras de amor à nova indumentária que, a partir daí, eles estavam mais para clérigos do que para leigos e, principalmente, fazia a diferença na sociedade; era uma casta social.

Mas, por que esta crônica? É por causa do “santinho” que eles fizeram e distribuíram como recordação daquele feliz domingo de vestição de batina. Depois de tantos anos, encontrei um exemplar dentro de um dos meus livros dos tempos de seminário. No verso, o nome de cada um, formando a singela imitação de um acróstico com os dizeres: VIRGO POTENS, e com a mensagem: “Aos nossos pais, superiores e amigos, recordando a nossa vestição de batina” (ver a foto). Então, pensei: vou fazer uma crônica para publicar no nosso Echus, “recordando” esse fato de 1957, e aqui está o resultado.

Afinal, passados 57 anos, o que aconteceu com aqueles colegas depois de tão comovente celebração? E a batina e as juras de amor?

Aconteceu que todos eles foram para o Seminário Maior (Aparecida e Ipiranga). Quatro se ordenaram presbíteros e sete tiraram a batina. A expressão “tirar a batina”, na época era uma coisa abominável, um sacrilégio, um tabu! “Nossa, onde já se viu?”, exclamavam as beatas. Significava



JOSÉ JUSTO DA SILVA

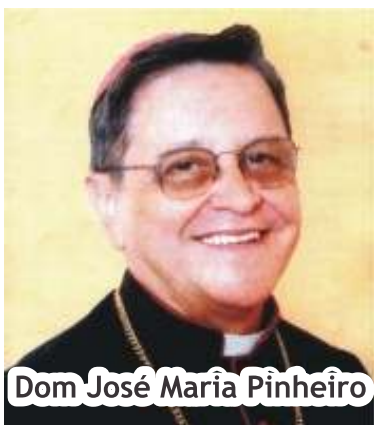
abandonar o sacerdócio, a fé, o celibato, etc. e tal. Os que se ordenaram padre, é claro, “não tiraram a batina”, mas também não usaram nunca mais!

A sociedade mudou, a Igreja está tentando mudar e o clero já não é mais uma casta social, graças a Deus (êpa!). O que é desses nossos colegas ibateanos, hoje? Então, vamos lá:



Pe Nasser

Nori	V al Carloni	Contabilista aposentado
José Mar	I a Pinheiro	Bispo emérito de Bragança Paulista
João	R ipoli	Cônego da Arquidiocese de Ribeirão Preto
Claúdio	G iordano	Escritor, editor e tradutor
Heládi	O B. do Prado	Empresário aposentado; foi jogador profissional do Ituano
Olaercio	P iccolo	Professor
José Just	O da Silva	Artista plástico
João Ba	T ista da Silva	In memoriam
Nasser K	E hdy Netto	Cônego da Arquidiocese de Ribeirão Preto
Durval	N óbrega	Monsenhor, pároco em Itu
Sérgio J.	S chirato	Professor e escritor



Dom José Maria Pinheiro

É isso aí. Parece que foi ontem.

Avante, Ibaté!



Sergio Schirato

(*) Attilio Brunacci, 76 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb”: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com

Para-choque do Caminhão do Ubaté

Primeiro cave o poço, depois tenha sede.





Dom Luiz de La Mancha*

Eram outros tempos... os jovens respeitavam os mais velhos, os alunos obedeciam aos professores, os filhos admiravam os pais, os bandidos temiam a polícia, todos acreditavam no governo, a lei era para ser cumprida, as leis e as regras não podiam ser transgredidas.

No Seminário do Ibaté, ao fim do dia, nós os alunos, estávamos em uma sala de estudos e o Padre Bosco ia chamando de quatro em quatro para ir tomar banho. Eu me sentava no fundo da classe e estava ansioso para ser chamado, porque precisava usar o banheiro.

Falei com o Padre Bosco duas vezes, mas ele se limitou a dizer: - espere a sua vez.

Quando chegou a minha vez de ir tomar banho, os três que saíram na minha frente correram e ocuparam os melhores banheiros e para mim sobrou tão somente um banheiro que só tinha o chuveiro, não tinha a privada e eu não estava mais suportando. No auge do desespero, tirei a tampa do ralo do banheiro e consumí o ato dentro do ralo.

Outros alunos foram tomar banho depois de mim e a notícia do cheiro ruim naquele banheiro chegou ao seu destino: o Padre Bosco.

Chamaram o “Sherlok Holmes” e depois de uma investigação científica e minuciosa, a causa do mau cheiro foi finalmente encontrada e o dejetado do delito identificado.

Agora faltava identificar o autor de tão mal cheirosa façanha.

O confronto de interesses foi a causa de tudo: um lado (o Padre Bosco), queria manter a disciplina a qualquer preço, o outro (eu), necessitava manter-se biologicamente estável. A transgressão foi inevitável. E não houve punição, porque o autor do “crime” jamais foi encontrado e hoje já prescreveu.

Esta é a lógica que explica toda a balbúrdia de hoje. As necessidades biológicas ou não, justificam todo tipo de transgressão.

O maior problema de hoje porém não são as biológicas, mas sim as necessidades artificiais realmente criadas pela mídia na cabeça dos jovens: roupa de marca, smartphone, vídeo-game, tablet, carro, som, etc. e todas elas sendo supridas (revolvidas) com um único kit: moto, celular e revólver.

Eu não sei como resolver isto com os adultos, mas educar as crianças formando cérebros com outra escala de valores certamente é uma solução.

Os “estatutos” precisam ser revistos (da criança, do idoso, do bandido, do sem-terra, do político, do policial, do jogador de futebol, do torneiro mecânico, etc.).

(*) Dom Luiz de La Mancha, pseudônimo de LUIZ ANTONIO ROSATI, 66 (1959) é formado em física. Trabalha no ramo de material elétrico (fusíveis e chaves seccionadoras), tendo, sobre o assunto, inúmeros trabalhos publicados em revistas técnicas. rosatiluz@hotmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489



© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

PALAVRA DE SEMINARISTA - (60 anos depois)



Paulo Francisco Toschi*

Muitos de meus colegas da Turma do Ibaté conhecem e outros já ouviram falar de um pequeno trabalho que escrevi, denominado PALAVRA DE SEMINARISTA, sobre o quanto vivi, entre 1949 e 1953, no Seminário Menor (depois Médio) Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, situado em São Roque, no bairro do Ibaté. Foi minha primeira aventura literária, cobrindo apenas um curto período da existência daquela casa, sob a visão de um novato, que ali foi crescendo, e pela pena de um principiante, desejoso de evoluir como escrevinhador. Agora, estou tendo a honra de poder incorporar esse meu estudo às páginas do prestigioso Echus do Ibaté, elo que une todos os seminaristas que viveram no casarão hoje pertencente à Diocese de Osasco, que o utiliza como casa de retiros e de encontros comunitários.

Distribuí graciosamente brochuras daquele meu escrito a muitos colegas. Um deles, bispo, queria me pagar pelo encadernado, que aceitei como se estivesse me fazendo especial favor. Será que leu? Outros gostaram, elogiaram e até pediram dedicatórias. Obrigado. Ainda hoje, nos encontros em São Roque, ex-alunos que não foram do meu tempo, muito simpáticos, ao verem o meu crachá, exclamam: “Palavra de Seminarista”. Eles me comovem. Meu amigo Antonio José de Almeida o publicou, em capítulos, num site de sua criação, mais tarde desativado. Meu irmão José de Anchieta também me presenteou com um site no Geocities, portal da internet que hoje não mais existe. Há um site denominado Reocities, onde seu autor se deu ao generoso e proveitoso trabalho de salvar muito do que estava publicado no Geocities, inclusive o meu Palavra de Seminarista. Eu tenho um blog na UOL, no meu nome, onde reproduzi os capítulos desse estudo, abrindo oportunidade para os comentários de quem o ler. O douto Letterio Santoro já me brindou com comentários, que foram recentemente publicados em seguidas edições do Echus do Ibaté. No tempo do Geocities, João Steck também disseceu oportunamente a obra. Agora, quando o ECHUS DO IBATÉ não tem mais edições impressas em papel, tornando-se um jornal eletrônico, estou tendo a honra de ser convidado a republicar meu acanhado e pouco extenso estudo. Pretendo fazê-lo em capítulos, preservando o texto original e com acréscimos, sob o título de Comentários do Autor, onde externarei observações ditadas pelo tempo e pela vivência com meus companheiros da Turma do Ibaté. Simplesmente republicar o que já foi divulgado não teria muito sentido. Mas, há muita coisa que eu não disse, na primeira ocasião, talvez por inibição, e que, agora, sinto-me estimulado a trazer a lume. Os meus comentários, portanto, serão matéria nova sobre um tema antigo. Meu sonho é que outros colegas, que passaram pelo casarão de São Roque, durante e após minha residência naquela casa, se animem a relatar sua experiência, tal como eu modestamente o fiz, deixando perpetuados depoimentos que, talvez, possam até contribuir para estudos de interessados em analisar o que foram os seminários tridentinos, com tudo de bom e tudo de ruim que propiciaram aos meninos e jovens que neles foram formados, não só os muitos que “arrepriaram”, como aqueles que conduziram a Igreja, como padres ou bispos, até as reformas introduzidas pelo Vaticano II. Mas, minha curiosidade cresce, quando penso em saber o que aconteceu no Ibaté, de 1953 a 1973, quando nosso seminário deixou de existir.

Entendam, portanto, a republicação que passará a ser feita, em capítulos, a partir da próxima edição do Echus do Ibaté, como um convite a críticas, discordâncias e acréscimos.

<><><><><>

Por hoje, apenas umas referências:

O Seminário do Imaculado Coração de Maria, situado em São Roque, era uma casa de formação de seminaristas menores fundada em 1949 e pertencia à Arquidiocese de São Paulo, embora acolhesse, também, alguns alunos provenientes de outras dioceses do Estado de São Paulo. Naquele tempo, São Paulo era uma Arquidiocese de maior porte, pois não haviam, ainda, sido criadas as Dioceses de Santo André (1954), Aparecida (1958), Mogi das Cruzes (1962), Jundiá (1966), Guarulhos (1981), e, em 1989, Campo Limpo, Osasco, Santo Amaro e São Miguel Paulista. Estas últimas instituídas pelo Vaticano com o intuito de esvaziar o poder do então Arcebispo de São Paulo, o Cardeal Paulo Evaristo Arns, de tendências progressistas divergentes das que prevaleciam na cúpula romana. São Paulo, em 1989, era uma das maiores arquidioceses do mundo e não convinha continuar correndo o risco de que fosse governada por mãos que pudessem escapar ao controle do poder central. Tornou-se conveniente aplicar a velha regra de dividir para dominar. Resolvia o problema, não só naquela ocasião, mas de forma definitiva. O Seminário de São Roque, por sua vez, comporta versões diferentes sobre sua criação. O terreno, bastante amplo, foi fruto de doações de alguns católicos. Tomando por referência a estradinha que ligava São Roque a Araçariguama e a Pirapora, a propriedade da Cúria de São Paulo se estendia a ambas as margens. Do lado esquerdo, em descida, algumas casas de funcionários que serviam o Seminário e o espaço onde foi construído, após 1953, um campo de futebol. Do lado direito, em subida, ia até o alto de um morro de cujo cimo era possível observar amplo horizonte, incluindo a vista da cidade de São Roque, distante alguns poucos quilômetros. O prédio do Seminário, de dois andares, mais um porão aproveitável, estava instalado no meio da subida desse morro. Rodeavam-no bosques e plantações. Ao nível da estrada estava a piscina. No começo, os seminaristas tinham a liberdade de aproveitar horas de lazer para percorrerem o imenso terreno. Logo, isto foi proibido, não sendo possível irem além do acanhado pátio de recreio. Sua construção foi anunciada como de uma casa de férias para seminaristas da Arquidiocese de São Paulo, que estudavam em Pirapora ou no Ipiranga. Não acredito que tal versão tenha convencido alguém, pois, dada a imponência do projeto, era evidente que se destinava a uma ocupação permanente.

A versão que eu ouvi e gravei de um colega mais velho, sobre a transferência dos alunos vindos de Pirapora, é que estaria ocorrendo uma desavença entre a Arquidiocese e os padres Premonstratenses, que estariam privilegiando seus próprios seminaristas, em detrimento dos seminaristas seculares. Outra versão é de que a Arquidiocese não estaria suprindo de recursos os padres Premonstratenses e o Seminário de Pirapora estaria ficando inviável. Acredito que a primeira versão pode ser uma consequência da segunda, complementando-a, pouco importando quem tomou a iniciativa de denunciar o contrato celebrado entre os cônegos filhos de São Norberto e a Arquidiocese de São Paulo. Foram dezenas de anos de bons serviços de formação sacerdotal prestados por aquela Ordem. Agora, os Premonstratenses estão se retirando definitivamente de Pirapora, deixando, inclusive, de cuidar do Santuário do Senhor Bom Jesus. Provoco nossos colegas mais ligados a Pirapora a dizerem o que sabem.

(*) Paulo Francisco Toschi, 75 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA”. pfcatoschi@hotmail.com

A face de Cristo no rosto de Francisco



Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho*

Aventuro-me a escrever sobre Francisco. Desde aquela aflitiva tarde em que, vendo-o pela televisão desfilarem pelas ruas do Rio, dentro de um Fiat com as janelas abertas, e aceitando a aproximação de quem quer que fosse, para um toque, um afago, um sorriso, afinal uma comunhão, abracei-o mentalmente, muito mais, achava eu, para protegê-lo de um assalto do que reconhecendo nele um fraterno e esperado amigo. Aos poucos fui me informando sobre aquele padre hermano, tão próximo e tão distante, afinal como se diz por aqui: “da Argentina só vem frente fria”, e, a cada dia, Ele se tornava para mim um verdadeiro espanto.

Primeiro, a recusa do símbolo de poder papal, imperial, ditatorial, com uma frase bem nossa: “Acabou o carnaval”. Em seguida, a rejeição da moradia oficial em palácio. Depois, a continuada adesão ao sapato usado, próprio de quem andou com ele por lugares que desgastam, como as villas de Buenos Aires. Diante desses e de outros fatos do mesmo nível, pensei comigo mesmo “Já vi esse filme”.

Descobri depois uma foto. Lá estava o então cardeal apertado no meio das pessoas num vagão de metrô. Parecia magrinho, e tinha seu olhar vidrado nas pessoas ao redor. Era a encarnada negação da pompa episcopal e a adoção apaixonada da circunstância fraternal. Refleti de novo “Já vi esse filme”.

Por fim, num mundo em que o individualismo é definido a partir de si mesmo, de seu uso e consumo, lá vem Francisco dizer que o bem é objetivo mas que só pode ser reconhecido e praticado passando pela própria consciência. E arremata: “obedecer a ela significa decidir diante do que é percebido como bem ou como mal”. Lembrei imediatamente de um filme vivido em aulas de Teologia: “a última norma de moralidade é a própria consciência”. Tempos de Central do Ipiranga.

Estarreci-me quando constatei que Francisco gosta de viver na rua; até há pouco tempo, eu achava que católico, hoje, deveria voltar às catacumbas. Empolguei-me porque não faz distinção entre católicos e não católicos. Que ama as pessoas como elas são. E quando tascou um beijo na presidenta da Argentina, figura que poderia ser tachada por Ele como sua perfeita “inimiga”, vi a conatural junção da teoria com a prática, tanto no escondido de um trem de metrô como diante das câmeras

do mundo midiático.

Mas esse amoroso provocador não termina por aí. Que tal ouvi-lo dizer que um cristão que “não se considere pecador” é melhor que “não vá à missa”? E aquela voz clamando para quem for à cerimônia de um casamento não fazer “fofocas”? Desde quando a ironia foi usada por um papa, assim, no contato diário com o povo? Além de praticar a liberdade de falar com as pessoas, expõe também sua vivência paroquial e planetária, no meio do mundo, no meio da vida. Confesso que já vi esse filme.

Após séculos de broncas inquisitoriais e intenso e enfadonho mau humor com o mundo, eis que o hermano tenta ressuscitar a Igreja do Entendimento e da Misericórdia. E quem pensa que Ele está sendo pós-moderno, parece que se engana quadradamente. Ele está, na verdade, recolocando no centro da doutrina a Teologia do Perdão, aquela dos tempos originais, anterior aos monges que fugiam do mundo para o deserto. Ele, ao contrário, incentiva o esquecimento para sempre da teologia do castigo.

E o escândalo maior que ouvi na repercussão de sua palavra: “Eu também peço?”. Terror insano nos grupos conservadores que até chegaram a perguntar se Ele é, de fato, cristão. Em contraposição e ditosamente, oferecendo paz à consciência daqueles que sofredora e humildemente penam ao aceitar suas dúvidas.

A Igreja é Mater et Magistra. No entanto, parece que, com Ele, a parte de mestra entra em férias e dá lugar a seu

conteúdo maternal: “A Igreja é mãe” e “Nem você nem eu conhecemos uma mãe por correspondência. A mãe dá carinho, toca, beija, ama”.

E Deus, Francisco? ...“o Deus em quem acreditamos, um Deus apaixonado pelo homem”... “quer se manifestar através de nossos meios, ainda que pobres”... pois “é Ele que salva a vida do homem”.

Este retrato de Francisco é parcial, claro. Mas porque a sedução de seu olhar se confunde sempre com o rosto de Cristo, não deixa de ser animador para quem quer viver o iminente resgate da igreja que já tinha seu decreto de morte estabelecido até mesmo em suas fileiras.

Ah! Ia me esquecendo! O filme por mim já visto se passou há pouco tempo na diocese de Bragança Paulista, aqui mesmo, perto de São Paulo.



(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 75 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP. Joka.oliveira@uol.com.br



José Moreira de Souza*



Quando nosso coordenador principal dos encontros do Ibaté, Wilson Mosca, convidou-me a escrever nesta edição do **Echus**, pensei em dois assuntos pra conversa:

1. Falar do ritual litúrgico de beber cachaça e iniciar a conversa com a letra de uma marchinha de carnaval que ouvi em minha infância e para a qual procuro incessantemente o local, a origem e autor.

*Quando eu morrer quero em minha sepultura
Uma pipa cheia de cachaça sem mistura
E o encanamento que m'a leve a te a boa
Em pouco tempo deixarei a pipa oca.*

Com isto, estaria recordando as sangrias que nos eram oferecidas antes de entrarmos em cena no teatro, bem como homenageando um grande ator cômico, o padre João Batista, cujo pai era mágico. João Batista - da turma do Attilio, do Barizon e do Paulo Sebastião - era frequentemente selecionado para cumprir a missão de representar o criado bêbado nos castelos, pelo padre Constantino.

2. Comentar obras presenteadas pelos amigos - de autoria própria ou não. Iniciaria com as do Attilio - Poços de Caldas e Itália; e prosseguiria com as de Waldemar Faria - contos e poemas premiados -; Getulino, poesia e filosofia; Letterio Santoro - Poemas, muitos poemas e crônicas de Garça; Jurandy Amadi seus poemas e artigos admiráveis, Antônio Corrêa - o Careca repositório infundável de obras curiosas. Mais uma vez, Cláudio Giordano e, para finalizar, *Poesia e Pintura: um diálogo em três dimensões* de Valdevino Soares de Oliveira. O final mesmo seria dedicado aos professores autores: Pascoal Amato, com o *Curso de Literatura* elaborado especialmente para nossas aulas; Tarcísio Geraldo da Silva e sua *Iniciação ao Grego* cujo título deveria ser *Iniciação avançada ao estudo do grego*; e o *Curso de Química Orgânica* de João Kulai.

Desisti e parti para a terceira via à qual se deve o título desse início de conversa. Há também homenagens. A principal é devida ao padre, monsenhor Antônio Expedito de Barros Marcondes de quem me despedi em dezembro de 1962 e que se despediu de todos nós em 2013.

De Expedito, conservo duas marcas na memória. A primeira, do professor modelo e a segunda, de anti-modelo do disciplinário-prefeito. Ambas pautaram minha vida. Ambas dão a nota dominante deste artigo. Enfatizo o modelo e deixo quase na sombra o anti-modelo: a ocupação quase perfeita do prefeito de disciplina - o homem que faz o mal para promover o bem (?), que se obriga ao emprego da violência simbólica em nome da obediência à ordem e ao regulamento.

Fellini parece ter estudado em São Roque nos anos de 1955 - 1957: "La Saraghina! ..." "Ma Il regolamento e Il regolamento".

Mas, se Expedito, obediente, exerceu o dever de promover a ordem e a disciplina, obediente ministrou aulas com elevada competência. Preparava todas as aulas. Ia à sala de aula com alegria, comunicava sempre a alegria de promover a aprendizagem. Cada exercício merecia sua atenção. Acompanhava cada aluno durante as provas, sem intenção de vigiar-nos, mas de apontar caminhos. Examinava o percurso dos raciocínios nas repostas e apontava o que merecia ser corrigido antes de recolher e dar o veredito final da sentença expressa em nota. Cria com fé no poder da aprendizagem e desconfiava da nota expressa como sentença. Nenhum exercício era devolvido sem revisão atenta.

Mostrava-se pronto para aprender. Ministrou aulas de matemática, português e latim, além de música e História da Filosofia com o mesmo empenho e alegria.

Eu sintetizo a ação do padre Expedito com a palavra **Veneno!**

Veneno era frequentemente empregada sempre um tom acima como recurso para destacar o que importava fixar em meio aos meandros do estudo de Língua Portuguesa, de Matemática, de Latim e, até mesmo de História da Filosofia.

Veneno era a nota dominante onde do fundo do texto brotavam as exceções. Em que momento a ordem, a norma obedecia a um plano diferente. Era como dizer: não confiem nas regras: há exceções que obedecem a outras regras.

É soma? É multiplicação? É equação? Tudo pode caber numa expressão matemática. **Veneno** - termos em evidência.

Princípio fundamental da aprendizagem: aprender é estar atento para os **venenos** embutidos nas regras interpretadas linearmente. Regras retratam planos discursivos e variam de acordo com esses mesmos planos.

Agora, eu me pergunto. De qual matriz, Expedito retirou esse princípio como mote à aprendizagem? Suspeito que do gosto pela música. O **veneno** se esconde na nota sensível. Ela é que comanda a entonação. O risco de desentoadar está exatamente na falta de atenção à nota sensível. Transposta para os diferentes planos discursivos, qualquer dissertação corre o risco do erro no decorrer de uma conversa. O que cabe numa discussão, o que é objeto de controvérsia, como responder a uma pergunta com atenção ao que é perguntado? Este é o centro de atenção ao que é sensível.

Aqui, me lembro do padre Noé; ele exemplificava os equívocos das respostas com este exemplo:

Pergunta: Você conhece São Paulo?

Resposta: Não, mas eu tenho um primo que tem vontade de conhecer Campinas.

Ou este usado pelos jesuítas no seminário de Nova Friburgo:

Pergunta: Nonne fuisti quem inveni in Lutetia?

Resposta: Nihil minus fui in Lutetia. Immo longe afuit.

Comentário: Ego etiam. Ergo propterea fuerunt utriusque alteri!

Aprendi com Expedito a atenção para todos os venenos e a busca incansável de antídotos. Penso agora que seu zelo pela ordem tem a ver também com isso. Zelar pela harmonia e fugir da dissonância.

(*) José Moreira de Souza, 73 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. josemoreira@superig.com.br

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: Fortuna

Se em fortuna lê-se sorte,
não comigo se coaduna;
mas se for dinheiro forte,
sem algum que não me puna!

Antonio Jurandy Amadi (51/57)

A quem ajunta fortuna
e despreza a sobriedade,
resta uma grande lacuna,
na vida da eternidade.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)



Quem sabe em hora oportuna
tomar sábias decisões
amealha uma fortuna
que vale mais que milhões.

Alfredo Barbieri (49/53)

Envie-nos você também a sua trova.
Tema para o próximo ECHUS: Samba

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.03.2014	
POSIÇÃO EM 31.01.2014	12.350,32
ENTRADAS	
Contribuições e doações	460,00
Juros	109,13
TOTAL ENTRADAS	569,13
SAÍDAS	
Diagramação Echus 130	250,00
Despesas Bancárias	35,35
TOTAL SAIDAS	285,35
SALDO ATUAL 31.03.2014	12.634,10
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.02.2014 a 31.03.2014, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, José Fernandes da Silva, José Écio Pereira da Costa Junior, Roberto Lui e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Alvaro Bernardo de Medeiros, Antonio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Letterio Santoro, Luiz Antonio Rosati, Otto Dana, Pe., Paulo Francisco Toschi, Paulo Oliveira Leite Gonçalves e Roberto Delgado de Carvalho.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail : echus@zipmail.com.br
- Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com
- "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links http://177.103.223.197/Edhusdoibate/

Diagramação:
Conexão Propaganda (11) 4063-9081

